



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2023

AFRICANOS LIBERTOS NO ATLÂNTICO ESCRAVISTA EM TEMPOS DE ILEGALIDADE

Primeiro Autor¹; Segundo Autor²;

1. Bolsista PIBIC/CNPq: Renato da Silva Souza, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: renatosilvasouza2309@gmail.com
2. Orientador: Carlos Francisco da Silva Junior, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: cfsjunior@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: LIBERTOS; TRAFICO ATLÂNTICO; REDES SOCIAIS.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste plano de trabalho consistiu em investigar a circulação comercial de africanos libertos através do Atlântico, principalmente entre as regiões da Bahia e da Costa da Mina (atuais Togo, Benim e Nigéria) na primeira metade do século XIX. O foco repousará nos africanos libertos (“pretos forros”, termo pelo qual são referidos na documentação) das nações mina e jeje, oriundas da África Ocidental. Há muito a historiografia brasileira e internacional tem dado ênfase às dinâmicas entre o Brasil e a África na era do comércio atlântico de africanos escravizados. A partir da década de 1980, estudos visaram compreender não apenas os números do tráfico, mas os participantes no “infame comércio” de pessoas escravizadas. Nesse sentido, os trabalhos voltaram a sua atenção para os homens de negócio – proprietários das embarcações, financistas das expedições negreiras – e para os capitães de navios, que conduziam as embarcações e atuavam como agentes comerciais na margem africana do Atlântico. Esse trabalho foi auxiliado, em grande medida, pela plataforma digital *Slave Voyages* (www.slavevoyages.org), que não apenas compila os dados quantitativos do tráfico, mas também oferece informações sobre os capitães e proprietários dos navios.

Enquanto a historiografia investigava o papel desempenhado pelos donos, capitães e outros agentes do tráfico, pouca atenção era dedicada a compreender a participação dos africanos nesse comércio, principalmente na era da ilegalidade (século XIX), quando as informações são mais abundantes. Menos conhecida, é a experiência marítima e comercial dos africanos libertos que se engajavam na carreira do tráfico. Após a conquista da alforria (e muitos ainda durante o cativeiro), os libertos viam na participação no comércio atlântico a oportunidade de amealhar recursos. Muitos desses personagens

utilizavam sua expertise da época da escravidão e ofereciam seus serviços aos capitães negreiros. A esmagadora maioria desses personagens trabalhava nas funções mais básicas – porém não menos importantes – na hierarquia dos navios: eram marinheiros, barbeiros-sangradores (cuidavam da saúde dos escravizados nos porões) e, de alguma maneira serviam como elo entre o porão e o deck superior dos navios, informando sobre tentativas de rebelião a bordo. No caso brasileiro, o local que mais recebeu africanos escravizados (aproximadamente 42% dos mais de 10 milhões de homens, mulheres e crianças que deixaram à força o continente africano), o antropólogo e historiador Pierre Verger (1968) já apontava para a necessidade de investigar mais detidamente as experiências desses personagens.

Em *Fluxo e refluxo*, Verger oferece numerosos exemplos de libertos engajados no comércio atlântico de africanos escravizados, muitos dos quais capturados, junto com os navios, pela repressão britânica, empenhada em por fim ao comércio negreiro no século XIX. Relatórios produzidos pelas autoridades da Grã-Bretanha informavam os nomes dos navios capturados, onde realizavam o comércio negreiro, os nomes dos donos, capitães, marinheiros e outros membros da equipagem. Estas informações estão disponíveis em dois fundos documentais: a documentação do *Foreign Office*, o ministério dos negócios estrangeiros, e o *British Parliamentary Papers* (doravante BPP), um fundo que corresponde aos inquéritos abertos pelo parlamento inglês para investigar a desobediência às convenções internacionais que proibiam o comércio atlântico de seres humanos. Nesses dois fundos documentais, os participantes do tráfico negreiro são nomeados, embora amiúde se ignore o estatuto social e racial (se brancos ou negros, brasileiros e africanos) daqueles lá listados. Felizmente, é possível cruzar as informações obtidas nessa documentação com os dados oriundos dos diferentes fundos documentais nos arquivos brasileiros (Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Arquivo Público do Estado da Bahia – inventários post mortem, testamentos, procurações, registros de compra e venda, contratos de sociedade – e na documentação eclesiástica – registros de batismos, casamentos, óbitos –, de modo a identificar tais personagens. Sabe-se que a maioria dos africanos libertos trabalhava como marinheiros, o que facilita a sua identificação nos dados do *Foreign Office* e do *BPP*.

Há, naturalmente, casos excepcionais de libertos bem sucedidos nessa hierarquia negreira, como Antônio Narciso, de nação jeje, que chegou a capitão de navio e, no final da vida, a proprietário de embarcação. Ou Geraldo Rodrigues Pereira, que começou na carreira negreira como marinheiro e terminou como um próspero intermediário de

transações de cativos, como analisado por Lisa Castillo, Luis Nicolau Parés e, mais recentemente, por Carlos da Silva Jr. Como estes há outros libertos que, se não alcançaram o grau de sucesso obtido por Antônio Narciso e Geraldo Pereira, conseguiram prosperar relativamente a partir dos lucros obtidos com o comércio de seres humanos.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

- Relatórios dos cônsules britânicos no Brasil, registrados no fundo *Foreign Office* (disponível *online* no site do National Archives da Grã-Bretanha);
- Relatórios dos inquéritos parlamentares ingleses (*British Parliamentary Papers*, digitalizados durante a pesquisa de doutorado do professor Carlos da Silva Jr., proponente do projeto de pesquisa ao qual este plano de trabalho está vinculado);
- Documentos do *British Parliamentary Papers* disponíveis na internet (*Google Books*);
- Relatórios da Comissão Mista Portugal-Grã-Bretanha/Brasil-Grã-Bretanha, disponíveis no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, previamente digitalizados durante a pesquisa de doutorado do professor Carlos da Silva Jr., proponente do projeto do projeto de pesquisa ao qual este plano de trabalho está vinculado.

O método consistiu na produção de um banco de dados no programa MS Excel. Em seguida, proceder-se-á a triagem dos dados, buscando compatibilidades (libertos que viajavam sempre para um mesmo porto africano ou sob a liderança de um mesmo capitão) e tendências (afro-libertos que trabalhavam sempre juntos, o que pode indicar redes sociais mais profundas). Após a análise desses dados, foi realizado o cruzamento com outras informações oriundas do projeto de pesquisa, de modo a criar um panorama mais amplo da experiência dos africanos libertos afro-ocidentais através do Atlântico escravista.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Tabela 1. Relação de africanos libertos que exerciam atividades nas embarcações apreendidas, contidos nos relatórios do *Foreign Office* e do *British Parliamentary Papers*, identificados abaixo pelas categorias de marinheiro e cozinheiro.

Data	Embarcação	Proprietário	Capitão	Marinheiro	Cozinheiro
Jun/1826	São Benedito	Joaquim José de Oliveira	João Sabino	Augustin José	Augustino
Fev/1829	Andorinha	Joaquim José de Oliveira	José Antônio	Antônio José Grilo	

Jul/1827	Copioba	Francisco Pinto Lima	Joaquim de Araújo	Joaquim Luíz	
Set/1839	Destemida	Joaquim Pereira	Manoel de Abreu	Prudêncio dos Santos	
Mai/1840	Santo Antônio Vitorioso	João da Costa Junior	Manoel da Paixão Ferreira		Antônio Constantino
Out/1840	Gratidão		Joaquim Brandão		Luíz Carvalho
Nov/1841	Galianna	Antônio Telles de Souza	João Pedro da Silva Sena	José Pereira	
Jan/1842	Ermelinda		Joaquim de Carvalho		Rufino Bernardo

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Nesse sentido, este plano de trabalho buscou identificar esses personagens da história do tráfico entre a Bahia e a Costa da Mina no século XIX, tendo como base a documentação produzida pelas autoridades britânicas e brasileiras, de modo a apresentar uma imagem mais nuançada dessa experiência dos libertos afro-ocidentais no tráfico negreiro. Reconhecendo o quanto o tema é espinhoso e delicado, o estudo sobre esses personagens revela um dos aspectos mais brutais do negócio do tráfico transatlântico de africanos escravizados, qual seja, o poder de atração até mesmo de africanos que, escravizados e embarcados à força para o Brasil, vieram a participar dessa máquina escravista atlântica. Tais homens precisam ser entendidos em sua complexidade, não apenas como heróis, mas em toda a sua dimensão, inclusive com o que hoje consideramos como contradição, mas que fez parte de sua experiência no Brasil.

REFERÊNCIAS

- DA SILVA, Carlos. A Bahia e a Costa da Mina no alvorecer da Segunda Escravidão (c. 1810-1831). *Afro-Ásia*, n. 65, p. 91-147, 2022.
- CASTILLO, Lisa Earl. O terreiro do Gantois: redes sociais e etnografia histórica no século XIX. *Revista de História (São Paulo)*, p. a05616, 2017.
- PARÉS, Luis Nicolau. Entre Bahia e a Costa da Mina, libertos africanos no tráfico ilegal. *Salvador da Bahia*, v. 13, n. 1, p. 13, 2016.
- VERGER, Pierre. **Fluxo e refluxo: Do tráfico de escravos entre o golfo do Benim e a Bahia de Todos-os-Santos, do século XVII ao XIX**. Companhia das Letras, 2021.